

A REVISTA
DA FAMÍLIA
SALESIANA

554

JANEIRO/
FEVEREIRO
2016

BOLETIM **SALESIANO**

Ana Luisa Castro

**«A Medicina é um curso
fascinante e único»**

SUMÁRIO

554

JANEIRO/
FEVEREIRO
2016



O Boletim Salesiano foi fundado por Dom Bosco a 6 de fevereiro de 1877. Hoje são publicadas em todo o mundo 51 edições em diversas línguas, com tiragem anual estimada em mais de 8,5 milhões de exemplares no total.

26 MISSÕES

Padre Giuseppe Zanardini: “Fiz-me salesiano por meio do Boletim Salesiano”

O Boletim Salesiano de Itália entrevistou o missionário salesiano no Paraguai desde 1978. “Desde pequeno chegava a casa o BS e via as notícias: recordo muitos trabalhos sobre as viagens do padre Ziggotti na América entre os índios. E estes povos entusiasmavam-me e suscitavam em mim o desejo de os conhecer de perto, de ser salesiano e de trabalhar com eles”.



FICHA TÉCNICA

n.º 554 - janeiro/fevereiro 2016
Revista da Família Salesiana
Publicação Bimestral
Registo na DGCS n.º 100311
Depósito Legal 810/94
Empresa Editorial n.º 202574

Diretor: Joaquim Antunes
Conselho de Redação: Ana Carvalho, Basílio Gonçalves, João de Brito Carvalho, Joaquim Antunes, Pedrosa Ferreira, Raquel Fragata, Simão Cruz
Propriedade:
Provincia Portuguesa da Sociedade Salesiana, Corporação Missionária

Edição, Direção e Administração:

Edições Salesianas
Redação:
Rua Saraiva de Carvalho, 275, 1399-020 Lisboa
Tel.: 21 090 06 00, Fax: 21 396 64 72
boletim.salesiano@salesianos.pt
www.salesianos.pt
Distribuição gratuita
Contribuição mínima anual de benfeitor: 10 euros
NIB: 0035 0201 0002 6364 4314 3
IBAN: PT50+NIB, Swift Code CGDIPTPL
Membro da Associação de Imprensa de Inspiração Cristã



22 OPINIÃO

Nós, entre o poliedro e a ampulheta

António Bagão Félix



34 FUTUROS

Um pequeno grande exemplo

Tiago Bettencourt



34 A FECHAR

Recomeços

Graça Alves

3 EDITORIAL

4 REITOR-MOR/OLHARES

6 IGREJA/DESCORTINAR

8 SOL/LUA

10 ENTREVISTA

18 EM FOCO

20 ECONOMIA

24 COMO DOM BOSCO

27 FMA

28 PASTORAL JUVENIL

30 FAMÍLIA SALESIANA

32 MUNDO SALESIANO

35 VOCACIONAL

Colaboradores: Ángel Fernández Artime, António Bagão Félix, Artur Pereira, Basílio Gonçalves, Bruno Ferrero, Catarina Barreto, Graça Alves, Idália Almeida, Jerónimo Rocha Monteiro, João Chaves, João Fialho, João Ramalho, Joaquim Antunes, Luciano Miguel, Maria Fernanda Passos, Michael Fernandes, Nuno Quaresma, Orlando Camacho, Rui Madeira, Sílvia Monteiro, Simão Cruz, Tiago Bettencourt, Taveira da Fonseca
Capa: Ana Luísa Castro © João Ramalho
Execução gráfica: Involgar Graphic
Tiragem: 12.500 exemplares



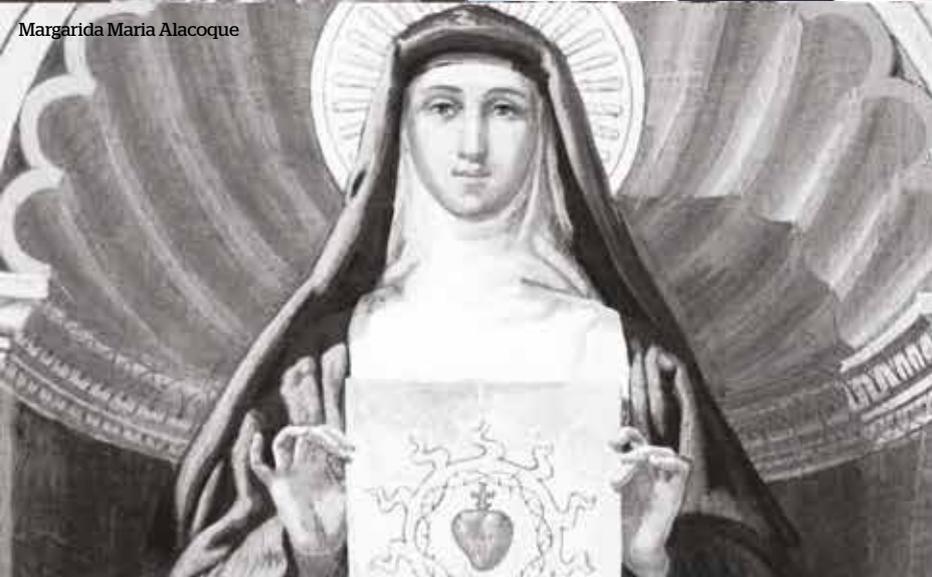
Hildegarda de Bingen



Teresa d'Ávila



Madre Teresa



Margarida Maria Alacoque



Etty Hillesum



Edith Stein



Simone Weil

Editorial



JOAQUIM ANTUNES
DIRETOR

Mulheres notáveis

As mulheres estão cada vez mais em lugares cimeiros da administração pública e privada e cada vez mais inseridas na vida cultural da Igreja (como, em Portugal, a reitora da Universidade Católica). A história regista que desde os primórdios do cristianismo não faltaram mulheres que contribuíram com a sua inteligência, cultura e nobreza de vida para a difusão do Evangelho.

Helena, mãe de Constantino, criou as peregrinações aos lugares santos; Hildegarda de Bingen foi mística, teóloga, escritora, compositora musical, reformadora; Teresa de Ávila soube compaginar a experiência mística com o espírito empreendedor e reformista; Margarida Maria Alacoque propôs o símbolo devocional de maior sucesso em todo o mundo católico, o Sagrado Coração de Jesus; Madre Teresa, com o seu exemplo, mostrou ser possível confortar os moribundos no inferno das ruas de Calcutá. Outras mulheres, como Edith Stein, Etty Hillesum e Simone Weil, contribuíram para o desenvolvimento da cultura e do conhecimento de Deus através da reflexão filosófica.

Ana Luísa Castro segue a senda destas mulheres insígnas: é médica e freira.

Ao exercer a profissão de médica no Centro de Saúde de Leiria, a Irmã Ana Castro mostra que a vocação de consagrada é um sinal indelével da presença amorosa de Deus na vida humana.

Ler as suas respostas (*ver entrevista*) é mergulhar no mistério inefável de Deus: “Sinto a dureza do caminho mas vejo o toque da graça e da misericórdia de Deus através do meu trabalho. No fundo sei que só Deus pode fazer a diferença e transformar os corações”.

No encerramento do Ano da Vida Consagrada, o testemunho desta jovem Irmã médica é uma bela síntese de um caminho de realização pessoal e de santidade de vida. •



As crianças **não** **conhecem** raça



ÁNGEL
FERNÁNDEZ
REITOR-MOR
DOS SALESIANOS
DE DOM BOSCO

TRADUÇÃO: BASÍLIO
GONÇALVES

As crianças não conhecem a palavra raça, nem as ideologias que segregam e matam.

Vi uma fotografia de dois meninos, de dois ou três anos, um de pele negra e o outro de pele branca. O menino de pele negra acariciava com afeto instintivo o menino branco. A emoção de um gesto tão natural deu-me o motivo para esta mensagem.

Querida Família Salesiana do mundo inteiro, amigas e amigos de Dom Bosco, do seu sistema educativo e das suas obras, estamos a atravessar um período de tempo tragicamente entrecedido de violência, de medo e de perseguições insensatas, um tempo de ódio e

discriminações, um tempo armado. Porventura nunca a humanidade viveu um tempo semelhante.

Logicamente não esqueço a primeira e a segunda guerra mundial, que não podemos apagar da nossa memória cultural a fim de que nunca mais se repita algo de tão

tremendo. Mas também não posso deixar de ver com mágoa esta onda de violência que alastra pelo nosso mundo.

Quando começávamos a pensar que, com o fim da “guerra fria” entre os dois blocos, o mundo estivesse a encaminhar-se para uma paz longa e estável, explodiu um turbilhão de conflitos grandes e pequenos, enraizados no terrorismo, numa agressividade seletiva, friamente calculada que desembocou em autênticas guerras civis. Aquilo que acontece na Síria e o êxodo jamais visto é a expressão mais evidente de tudo isto. Todos ficamos atónitos e chocados.

Perguntamo-nos: que é que está acontecer-nos? Onde foi parar o nosso humanismo profundo? Que é feito da busca do bem comum, do bem-estar de todos? Onde estão os resultados e os sucessos anunciados e tão aguardados dos acordos de todos os povos no quadro da ONU? Donde nascem todas estas ideologias cruéis e devastadoras? Para que servem todos os esforços dos Nobel da Paz?

Eu olho para os dois meninos, e penso que aquela é a resposta. Os meninos não conhecem a palavra “raça”, nem as ideologias que segregam e matam. Por isso são capazes de ser amigos.

Meus amigos e amigas, caríssimos leitores e leitoras: deixemos que o nosso coração se sinta tocado por este caloroso convite à paz, ao fim de todas as ideologias e preconceitos, à busca de uma fraternidade real.

É possível. Este ideal de humanidade não é ideologia, é um sonho que se torna realidade, em pequena escala, na medida em que cada um de vós e eu mesmo fazemos um qualquer gesto de verdadeira humanidade, um qualquer abraço que ultrapasse a cor da pele, qualquer encontro autenticamente humano e cheio de respeito que supere toda a desigualdade e toda a diferença.

Convido-vos então a sonhar em grande, mas traduzindo o sonho em gestos simples e concretos.

Acreditem: se a violência é um vírus que se transmite, que contagia e se aprende na vida quotidiana, também a ternura, o respeito, a grati-

dão, o calor e a amabilidade, mesmo tendo em conta as diferenças individuais e de estatuto, bem como as outras dimensões de uma vida plenamente humana, se aprendem e se transmitem de pessoa a pessoa.

E todos juntos, passo a passo, mesmo nos gestos quotidianos, proclamemos não ao assédio e à escalada da violência! Porque

queremos ser como aquelas crianças e não conhecer ideologias que dividem e matam.

Que Deus-Amor vos abençoe, bem como às vossas famílias. •

Olhares



ARTUR PEREIRA
PROVINCIAL

Raízes da Esperança, com os acontecimentos de Paris em fundo...

Os jovens parecem dizer às sociedades, nomeadamente europeias - fazem-no das formas mais diversas e estranhas... note-se que os jihadistas são sobretudo jovens -, que aquilo que lhes proporcionam pode não estar mal, porém não é para eles... Que lhes diria Dom Bosco? Pergunta-se: “porquê sonhar com o máximo, se com o mínimo se pode viver bem?”

O dilema da educação, parece-me, não consiste em estar a fazer mal as coisas ou a fazer propostas más. Consistirá, porventura, no facto de os jovens entenderem que o que lhes é oferecido não basta, não transforma, não cativa, não enamora, não apaixonava, não é suficientemente desafiante, não propõe o infinito, não vale a entrega gratuita e generosa de uma vida inteira...

Hoje os jovens inscrevem-se em tarefas impossíveis: gostam dos discursos que removem seguranças e alimentam o risco, querem mudanças e precisam delas, sonham com um mundo diferente, com relações sem preço, não ficam satisfeitos com as nossas histórias porque querem ser protagonistas das suas, gostam de espaços onde o que sentem no coração possa ser visto e tocado, precisam de decisões arriscadas que os levem ao limite. Os jovens de hoje desafiam novos caminhos do êxodo...

Se as sociedades, nomeadamente a nossa, se colocarem em sintonia com os ideais dos jovens, se, como fez Dom Bosco, lhes derem o protagonismo que reclamam e a que têm direito, os jovens encontrarão a “casa comum”, o seu lugar nela e o sentido para uma vida boa, bela, alegre e feliz. Só assim as sociedades europeias, graças à crise que estamos a viver, poderão encontrar as raízes de um futuro com Esperança. •

CONCLUSÃO, 2 DE FEVEREIRO DE 2016

Ano da Vida Consagrada

J. ANTUNES

O Ano da Vida Consagrada, anunciado pelo Papa Francisco a 29 de novembro de 2013, insere-se no contexto da celebração dos 50 anos do Concílio Vaticano II. Teve início no dia 30 de novembro de 2014, I Domingo de Advento, e terminará com a festa da Apresentação de Jesus no Templo a 2 de fevereiro de 2016.

Monges
Cartuxos @
FotoJBPhoto/
Fundação
Eugénio de
Almeida

O santo Padre, na sua Carta Apostólica **Às Pessoas Consagradas**, traça três importantes objetivos: o primeiro é *olhar com gratidão o passado*. O segundo, *viver com paixão o presente*. E o terceiro, *abraçar com esperança o futuro*.

A vida consagrada, escreveu o Papa nesta sua Carta, “não cresce pelo facto de organizarmos belas campanhas vocacionais, mas se as jovens e os jovens que nos encontram se sentirem atraídos por nós, se nos virem homens e mulheres

felizes! De igual forma, a eficácia apostólica da vida consagrada não depende da eficiência e da força dos seus meios. É a nossa vida que deve falar, uma vida da qual transparece a alegria e a beleza de viver o Evangelho e seguir a Cristo”.

O que é a “vida consagrada”?

A designação «Vida Consagrada» refere-se a um comum horizonte eclesial em que se articulam, de forma complementar, carismas e instituições: ordens e institutos religiosos dedicados à contemplação ou às obras de apostolado; sociedades de vida apostólica; institutos seculares; formas novas ou renovadas de vida consagrada; a Ordem das Virgens, as viúvas e os eremitas consagrados; todos aqueles que, no segredo do seu coração, se entregam a Deus com uma especial consagração.

A vida consagrada constitui um tesouro de enorme riqueza na Igreja que hoje, infelizmente, corre o risco de não ser compreendido até pelos próprios fiéis. Desenvolvendo o que significam os diversos carismas e modos de os viver, poderíamos sistematizar do seguinte modo:

Vida Consagrada: união a Deus, por Cristo no Espírito, mediante a assunção radical dos conselhos evangélicos.

Vida Religiosa: vida consagrada na doação total de si, configurando-a como estado de vida eclesial por meio da profissão dos conselhos evangélicos e pelo testemunho da vida fraterna estável e em comum.

Vida Religiosa Apostólica: como expressão desta variedade de formas de serviço encontramos as ordens mendicantes, as congregações religiosas dedicadas à atividade apostólica e missionária.

Vida Contemplativa: vida religiosa vivida nos mosteiros pela qual se intensifica a identificação com Cristo mediante a oração.

Vida Eremitica: vida contemplativa vivida em solidão habitada por Deus.

Ordem das Virgens: vida consagrada, vivida maioritariamente no mundo. Consagradas pelo bispo diocesano vivem sozinhas ou agregadas.

Viúvas (e viúvos) Consagradas

(os): vida maioritariamente no mundo (mas também nos mosteiros), pela qual se intensifica a busca do que permanece para a vida eterna.

O Ano da Vida Consagrada é da Igreja inteira

O Ano da Vida Consagrada não diz respeito apenas às pessoas consagradas, mas à Igreja inteira. O Papa pede a todo o povo cristão que tome consciência do dom que é a presença dos consagrados nos mais diversos campos de ação do mundo, quer dentro das estruturas da Igreja, quer em tantos movimentos laicais e até mesmo em muitas situações de conflito cultural, religioso e civil. Que seria a Igreja, pergunta o Papa, sem São Francisco, Santo Agostinho, Santo Inácio, Santa Teresa de Ávila, S. João Bosco? A lista tornar-se-ia quase infinita, se quiséssemos enumerá-los todos.

A vocação do Papa Francisco

O Santo Padre encontrou-se, em Roma, com cinco mil jovens religiosos. Um jovem sírio salesiano pediu-lhe que recordasse o chamamento que o Senhor lhe fez. E o Papa Francisco respondeu: «Foi em 21 de setembro de 1953. Sei que entrei, por acaso, numa igreja. Vi o confessor e saiu dele de outra maneira. A minha vida mudou. Depois quem me guiou foi um padre salesiano, o mesmo que me tinha batizado. Foi ele que me encaminhou para os Jesuítas. Ecumenismo religioso!».

Os consagrados, com a profissão dos conselhos evangélicos, continuam a ser hoje, ao jeito da cruz de Cristo, “loucura para o mundo”. A sua vida pode ser resumida no “vinde e vereis” que Jesus dirigiu aos primeiros discípulos. •

Descortinar



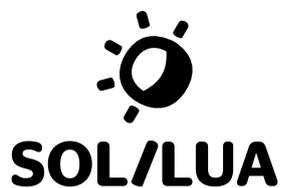
LUCIANO MIGUEL
HISTORIADOR

Que seria a Igreja sem São João Bosco e sem...

«Que seria a Igreja sem São João Bosco e sem...». Não se trata de nenhum pretensiosismo, nem de vanglória. A frase é do Papa Francisco, que nomeia vários outros Fundadores de Ordens e Congregações religiosas. Daqui se infere o relevo da Vida Consagrada na Igreja que, «sem este sinal concreto, a caridade que anima a Igreja inteira correria o risco de se resfriar, o paradoxo salvífico do Evangelho de se atenuar, o “sal” da fé de se diluir num mundo em fase de secularização» - afirmava Paulo VI. Que tem, então, de especial a Vida Consagrada? Antes de mais, temos de afirmar que a Vida Consagrada é “uma grande desconhecida” e, por vezes, considerada uma “inutilidade”. Recentemente, Filipe d’Avillez escreveu um livro com o título «Que fazes aí fechada?» referindo-se às monjas de clausura. É mais uma prova dessa ignorância e curiosidade. Ignoram, os que assim pensam, que as pessoas, homens ou mulheres, que escutam um chamamento de Deus e respondem com um “*sim radical*”, passam a pertencer totalmente a Deus, de modo que todo o seu ser e o seu agir se tornam um ser e agir de Deus. Ao mesmo tempo, aceitar “*deixar tudo*” para ficar a ser puro instrumento nas mãos de Deus, é uma denúncia profética da mentalidade materialista e secularista atual, onde o “*ter*” prevalece sobre o “*ser*”. Ignoram, ainda, que é desse “*perder tudo*” que brota uma alegria que só Deus pode dar, e uma capacidade de enorme doação com a qual tentam levar o mundo para Deus, dando sentido à vida terrena.

Os Fundadores, como São João Bosco, “*suscitaram*” milhares e milhares de Consagrados/as, e por isso são pedras angulares no edifício da Igreja.

Viver a “*vida consagrada*” é a maior aventura e a maior felicidade que se pode imaginar, porquanto o próprio Deus garante a alegria da vitória e, como dizia Santa Teresa, “*Nada te turbe, tudo passa. Só Deus basta*”. •



AS LÁGRIMAS DE DEUS LIMPAM A DOR DE QUEM SOFRE

POR TAVEIRA DA FONSECA

No coração do homem
Agonizam o amor e os afetos
Feridos de morte pela
ideologia sectária!
O sangue corre nas
ruas da Cidade
Como vida derramada
no asfalto negro e frio.
Velas e flores choram de saudade
E são a pobre resposta
À urgente pergunta angustiada
Sobre os terrores e os medos.
Por entre o fumo das bombas
Surge teimosa a esperança,
Na certeza renovada
De que as lágrimas de Deus
Limpam a dor de quem sofre
E pedem paz ao que mata
Na teimosia do amor
Que há-de vencer o mal
Para sempre! •

BOLETIM
SALESIANO
jan/fev 2016



© JULIEN WARNAND/EPA



EVEN
NOT
SOME
LIBERTY

RUM

A PAS

L'ETAT

ENTREVISTA



IRMÃ ANA LUÍSA CASTRO

“Sou ainda **uma sonhadora**”

ENTREVISTA: J. ANTUNES
FOTOGRAFIAS: JOÃO RAMALHO

Pertence à Congregação “Aliança de Santa Maria”.
É freira e exerce medicina. Tinha encontro marcado com ela. Esperei no átrio. As portas automáticas do Centro de Saúde de Leiria abriram-se e uma médica jovem, sorridente, simpática, de bata branca e estetoscópio ao pescoço, apresentou-se: “Aqui estou. Sou eu, a Irmã Ana Luísa”.

A fotografia em contraluz, a abrir esta entrevista, quer simbolizar a sua experiência de vida: é como se os seus olhos, do interior de uma sombra, estivessem a ver a Luz, porque “da Medicina para a Vida Religiosa foi um salto de fé!”



Nasceu e viveu em Guimarães. E, curiosamente, a sua Congregação, “Aliança de Santa Maria”, tem lá a sua sede, onde fez os primeiros votos. Todavia só veio a conhecer a Congregação em Fátima. Não acha no mínimo um facto curioso para não dizer estranho?

Suponho que, para mim, Guimarães é a cidade do aconchego da família e dos grupos de amigos, que são centrais na infância e juventude ficando tudo o resto em segundo plano. No entanto, se é certo que foi em Fátima que comecei a conhecer mais profundamente a Congregação, na verdade, a Aliança de Santa Maria já tinha entrado na minha vida desde a minha adolescência, na paróquia que era “a minha”, através de uma extraordinária catequista do 9.º e 10.º anos. Agora, ao olhar para trás, reconheço essa presença da Irmã Maria Alice, tão espiritual e maternal, que me marcou mais do que eu imaginava, pelo sorriso, pela oração, pelo passeio a Fátima que organizou para nós e, enfim, por todas aquelas palavras ditas que ficam no

“

Da Medicina para a Vida Religiosa foi um salto de fé, é certo, mas se na Medicina eu tinha uma profissão, na Vida Religiosa eu tinha algo bem mais profundo, um modo de ser que procurava corresponder ao sonho de Deus para mim.

”

subconsciente, anónimas mas eficazes. De qualquer modo, admito que Deus teve que me desinstalar! Em 2005, quando comecei a ir visitar uma amiga que tinha entrado na congregação, em Fátima, já levava

o coração inquieto e, por isso, estava também mais desperta para aquele lugar tão cheio de Deus e de uma fraternidade profundamente alegre que, sendo novidade, me era também familiar.

E é ainda mais estranho que, depois de concluir o curso de Medicina, com uma promissora carreira de médica, tenha deixado tudo para trás iniciando o caminho de discernimento vocacional. Que apelo foi esse tão arrebatador?

A Medicina é, de facto, um curso que tem algo de fascinante e único. Lembro-me de formular o desejo de ser médica desde que era criança. Nunca ansiei por dinheiro, nem por grandes cargos nessa área. Encantava-me, sim, a ideia de poder curar, de aliviar o sofrimento, de poder fazer uma diferença de vida ou de morte em alguém. Na minha perspetiva, isso era o que a carreira médica tinha de mais "promissor". Ao pensar agora na vida de Jesus, o "médico dos corpos e das almas", sei que já naquele desejo de cuidar estava a ação do Espírito Santo a mostrar-me um percurso vocacional a ser percorrido. Da Medicina para a Vida Religiosa foi um salto de fé, é certo, mas se na Medicina eu tinha uma profissão, na Vida Religiosa eu tinha algo bem mais profundo, um modo de ser que procurava corresponder ao sonho de Deus para mim.



Como voluntária em missão em Moçambique, com amigos no tempo de faculdade no Porto, e com as Irmãs da Congregação Aliança de Santa Maria no início de 2015





Quando soube o seu percurso de vida pensei logo que daria uma boa “caixa” para o BS no encerramento do Ano da Vida Consagrada. E a pergunta que lhe faço é esta: quem é Ana Luisa Castro?

Essa é uma pergunta para a vida toda! Sou apenas uma jovem em que a graça de Deus encontrou algum espaço e obteve o que ainda é um esboço de resposta.

Gosto de cinema, de estar com os amigos, de viajar, de ouvir música, de acampar e ficar a ver as estrelas, enfim, cresci a aprender a saborear todas essas coisas que fazem parte da vida. Sou ainda uma sonhadora e o meu maior defeito talvez seja a distração... Mas a entrega, pelas mãos de Maria Santíssima, a este Deus que se revelou em Jesus é o que, essencialmente, hoje me define.

O que escasseia hoje nas famílias que na sua não faltou?

Deixe-me dizer, antes de mais, que acredito que o Espírito Santo sopra onde quer, e a diversidade de famílias das irmãs da nossa Congregação evidencia isso mesmo. Cresci numa família em que, como é hoje frequente, há crentes e não crentes, praticantes e não praticantes, mas sobretudo cresci sabendo-me muito amada pelos meus pais que me ensinaram a viver de forma responsável. Penso que essa base humana foi essencial. Para além disso, guardo com especial carinho a perseverança na missa dominical e uma grande confiança em Deus que me foi incutida pela minha mãe. O meu avô e avó maternos foram também um exemplo desses amigos de Deus que O seduzem com a oração e bondade de coração. Da minha avó recebi o presente que mais mudou a minha relação com Deus: um pequeno livro sobre a vidente Jacinta de Fátima que me conduziu à oração diária do terço.

Sendo filha única, como reagiram os seus pais quando lhes anunciou que ia para freira?

Os meus pais reagiram com surpresa e um certo grau de “aperto de coração”, como eu já esperava. A vida religiosa implicaria, sem

“

Sou apenas uma jovem em que a graça de Deus encontrou algum espaço e obteve o que ainda é um esboço de resposta.

”

dúvida, uma renúncia a coisas boas como constituir família ou lutar para ter uma carreira médica e uma boa qualidade de vida. Enfim, os votos de pobreza, castidade e obediência, continuam a ser hoje, ao jeito da cruz de Cristo, “loucura para o mundo”. Mas, se por um lado, os meus pais não esconderam o seu descontentamento, por outro lado, acolhiam a minha vocação pelo grande amor que me tinham e sou muito grata por isso.

Terá sido o ambiente familiar que despoletou em si o desejo de passar uma semana na casa de clausura das Carmelitas, depois de concluído o 12.º ano?

Na verdade esse desejo partiu de uma intenção muito mais banal do que se possa pensar. Eu queria descansar, ter uma semana *só para mim*, longe de tudo e de todos. A ideia de ir para um convento surgiu de repente e foi apenas ao tentar concretizar essa ideia que um sacerdote me conduziu a um Carmelo. A meu ver, há aqui também um certo “sentido de humor de Deus” que virou completamente o meu pensamento e coração do avesso naquela semana, sem eu o esperar minimamente.

Foi nesse ambiente de contemplação e oração que nasceu em si o desejo e a vontade de se consagrar a Deus?

Sem dúvida, foi naquela semana no Carmelo que essa inquietação começou, mas era tudo novo e desconhecido, como uma manhã cheia de nevoeiro onde só conseguimos ver até dois metros à nossa frente. Esse nevoeiro dissipou-se quando conheci a Aliança de Santa Maria. De qualquer forma, o primeiro passo é dar-mo-nos conta de que há nevoeiro. Nesse sentido, serei sempre muito grata ao Carmelo onde estive e às irmãs que ali conheci.

Apesar de tudo, com 18 anos, muda-se de armas e bagagens para o Porto, sozinha, para iniciar os estudos na Faculdade de Medicina do Porto. Como foi a experiência de ser independente e de viver à vontade durante seis anos?



“

Os votos de pobreza, castidade e obediência, continuam a ser hoje, ao jeito da cruz de Cristo, “loucura para o mundo”.

”

Sair da casa dos meus pais significou uma independência que era para mim, confesso, muito atraente. Considero que foi um tempo de muitas tentações e perigos, mas sobretudo de um grande crescimento interior, na maturidade pessoal. O equilíbrio, entre alguns erros e alguns sucessos, foi sendo possível pela amizade e respeito que tinha pelos meus pais com quem ia falando e pela vida espiritual que nunca abandonei. Esta última implicou sobretudo a oração, o acompanhamento em direção espiritual e uma tentativa de ser coerente na vida de cada dia.

As experiências de espiritualidade acentuaram-se ou pelo contrário o ambiente académico levou-a por caminhos mais mundanos?

Nos primeiros anos de faculdade a descoberta de tantas coisas novas levou-me, por vezes, a alguns pequenos excessos, mas sem dúvida que as experiências de espiritualidade foram crescendo. Uma dessas grandes experiências foi o voluntariado que fiz em Moçambique num grupo de ação social chamado Grupo de Ação Social do Porto. Ali alarguei horizontes e cresci na relação com Deus; deixei de O ver como um Deus “omni-distante”, e percebi-O como um Deus próximo que nos convida a uma amizade tão concreta.

Falemos da sua Congregação: qual o seu carisma? Quantas irmãs são? Tem muitas obras? Em que ano foi fundada?



Na minha, ainda curta experiência como médica, posso dizer que já senti, com alguns doentes que, o facto de saberem que eu sou freira, os levou a abordar a questão de Deus e da fé na consulta, como quem abre uma porta do coração pelo facto do visitante não ser desconhecido.

A Aliança de Santa Maria é uma congregação recente, de fundação portuguesa, com início em 1966 no Porto. Nessa altura, as nossas duas fundadoras foram movidas pelo Espírito Santo para darem início a uma vida de oração, consagração e comunhão com Deus e entre si, pelas mãos de Santa Maria. Sentiam já aí a urgência de anunciar o Evangelho e a Mensagem de Fátima, e todo o apostolado e obras da Congregação brotariam, mais tarde, desse núcleo central, nomeadamente a difusão da oração do rosário, bem como os pedidos de Nossa Senhora de Reparação e Consagração. Daqui surgiram os movimentos laicais ligados à congregação. Hoje formulamos como nosso carisma: cooperar na nova evangelização através do Imaculado Coração de Maria, com o rosto específico da Mensagem de Fátima.

Atualmente somos 32 irmãs, incluindo noviças e postulantes, o que nos permite estar em cinco dioceses com as quais colaboramos ativamente.

A Irmã Ana Castro em que ano professou? Que idade tinha? Imediatamente após a profissão religiosa, dedicou-se a tempo inteiro ao carisma da Congregação ou alguma vez pensou em exercer medicina?

Os meus primeiros votos foram em 2011, tinha eu 27 anos e vinha de um percurso de noviciado permeado de uma vida comunitária e orante bastante intensa e de uma descoberta apaixonante da Mensagem de Fátima. Nesse mesmo ano recebi a missão de retomar a Medicina que exerço desde 2012. Desde a minha entrada na Congregação, a Medicina tinha ficado guardada numa gaveta, mas eu sabia que era uma possibilidade no futuro. Entrei com o coração muito livre a respeito da atividade médica e retomá-la foi um grande desafio. Penso que hoje posso dizer que tento dedicar-me a tempo inteiro ao carisma da Congregação mas através também da Medicina; esta surge como lugar de entrega e de oportunidade de ser, de alguma forma, uma presença de Deus e de Nossa Senhora neste meio.

Imagino que no País será talvez a única Irmã a exercer medicina num Hospital público. Como reagem os seus colegas médicos, enfermeiros e pessoal auxiliar quando sabem que é religiosa?

Na minha congregação sou já a segunda médica e, curiosamente, trabalhamos na mesma zona, pelo que temos muitos colegas em comum. Lembro-me de que,

no início, os colegas ficavam algo confusos e admirados mas, com o passar do tempo, alguns veem-nos como uma espécie de porto seguro onde sabem que têm alguém que os pode escutar e, de alguma forma, aconselhar em muitas situações. Infelizmente, também há colegas que aproveitam para criticar a Igreja, a religião ou até mesmo Deus, e outros que são indiferentes. Mas nunca sabemos até onde chegamos com a presença, a atenção, o carinho para com cada um.

E os doentes? Procuram-na por saberem que é freira? Ou, pelo contrário, há quem não queira ser atendido pela Irmã por ser quem é?

Ainda não tive a perceção de que tenha acontecido uma coisa ou outra. O tema de religiosidade e espiritualidade parece ser atualmente um assunto quase tabu na prática clínica. Penso que os médicos em geral não tocam nesse assunto facilmente e creio que, para alguns doentes, seria mesmo essencial. Na minha ainda curta experiência como médica, posso dizer que já senti, com alguns doentes que, o facto de saberem que eu sou freira, os levou a abordar a questão de Deus e da fé na consulta, como quem abre uma porta do coração pelo facto de o visitante não ser desconhecido.

Tem alguma especialidade médica? Qual? Permite-lhe estabelecer uma boa relação entre medicina e religião?

Estou ainda a fazer o Internato da Especialidade em Medicina Geral e Familiar. Penso que é uma das especialidades que dá mais oportunidades de estabelecer relações sólidas e duradouras com os utentes e, inclusive, de abordar temas como a fé e a religião; o Médico de Família é, como dizem muitos utentes, “o meu médico”. Mais ainda, diria que é também a especialidade que mais nos faz questionar sobre o homem, Deus e o sentido da vida. A Medicina Geral e Familiar dá-nos uma visão abrangente da vida humana em todas as suas fases, para além de que permite um grande leque de



abordagem clínica, isto é, desde o seguimento de rotina até ao acompanhamento dos mais variados problemas de saúde. Tocando a vida desta forma, creio que se toca em algo de sagrado.

No exercício diário da medicina, tem possibilidade de ser como o Bom Samaritano que cura as feridas da alma e do corpo, ou num hospital público não há lugar para a compaixão?

Há sempre lugar para a compaixão! Hoje vejo a medicina, precisamente, sob a metáfora da parábola do Bom Samaritano que viu, compadeceu-se e agiu. Ora, os médicos têm condições, formação e meios privilegiados para ver o que outros não veem, compadecer-se, ou seja, *sentir com* aquele que sofre e, finalmente, agir para o bem do outro segundo a *lex artis*. Parece-me que a compaixão depende mais de quem age do que das estruturas onde se insere. Sei que as pressões sociais, económicas e políticas atuais podem dificultar, mas isso só significa que precisamos de praticar essa virtude

em grau heroico, isto é, precisamos de ser santos. Como dizia Simone Weil, “o mundo precisa de Santos que tenham genialidade, como uma cidade onde grassa a peste tem necessidade de médicos”.

A Irmã consegue fazer a diferença e simultaneamente contagiar os seus colegas para não verem apenas números, casos e doenças, mas acima de tudo pessoas?

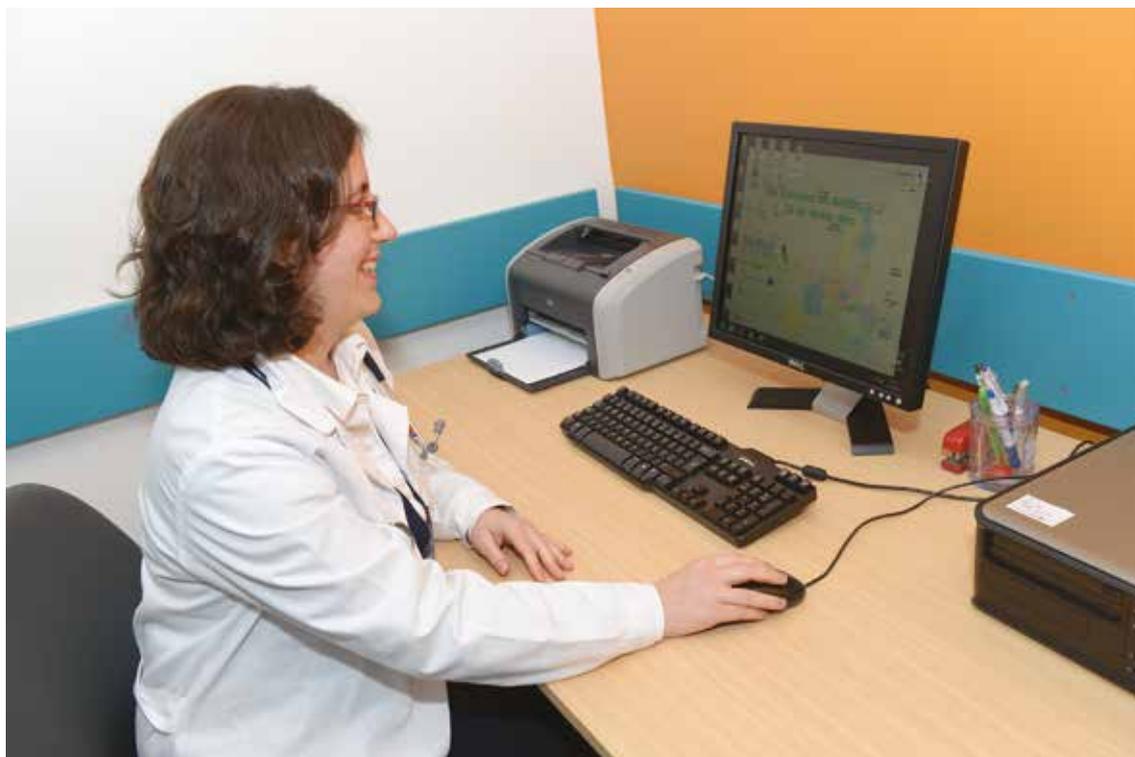
Sinto-me sempre portadora de um tesouro num vaso de barro. Talvez possa dizer que experimento um pouco daquilo que é a evangelização desde os primórdios da Igreja, isto é, sinto a dureza do caminho, deparo-me com muitas frustrações e a sensação de poucos frutos, mas vejo também o toque da graça e da misericórdia de Deus através do meu trabalho e da disponibilidade e proximidade que procuro ter com os doentes e com os colegas. Mas no fundo sei que só Deus pode fazer a diferença e transformar os corações e eu procuro apenas viver centrada n'Ele e ser-Lhe fiel.

O que significa para si ser freira?

Há um salmo que, para mim, resume bem o que é ser freira: “Uma só coisa peço ao Senhor e ardentemente a desejo, habitar na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para saborear o seu encanto e ficar em vigília no seu templo” (Sl 27, 4). Pedir, desejar e habitar em Deus não apenas toda a vida, mas todos os dias da vida, porque cada dia, único e irrepetível, conta por si mesmo.

Que palavra de ajuda e incitamento quer deixar a algum jovem que esteja em processo de discernimento vocacional e que leia esta entrevista?

Na relação com Deus só se avança pela experiência, por isso fico-me pelas palavras de Jesus aos primeiros discípulos: “Vinde e vereis” (Jo 1, 39). •



A Irmã Ana Luísa Castro exerce Medicina Geral e Familiar desde 2012

COLETA NA DÉCADA DE 1950

“Cofrezinho D. Bosco”: Cooperadores ajudam formação de novos salesianos

BOLETIM SALESIANO

Na década de cinquenta do século passado surgiu entre os Cooperadores Salesianos uma iniciativa de apoio às novas vocações da Congregação.

A Igreja recorda no mês de janeiro a figura de São João Bosco, falecido a 31 de janeiro de 1888, fundador dos Salesianos de Dom Bosco e das Filhas de Maria Auxiliadora, bem como dos Salesianos Cooperadores, associação de leigos que colaboram na missão juvenil. Como membros externos, leigos vivendo no mundo, uma das suas formas de colaboração na missão salesiana consistia em conseguir apoios económicos para o trabalho da Congregação, como demonstra este “Cofrezinho D. Bosco”.

«Benemérito Cooperador [...] Temos em Mogofores 120 seminaristas e 12 noviços, em Poiares da Régua 86, no Estoril 27 estudantes de filosofia e 14 de teologia. O “Cofrezinho D. Bosco” quer despertar, avivar mais o vosso amor e interesse para com as nossas vocações. Nele depositareis cada dia, semana ou mês uma pequena quantia, ou uma percentagem de vossos lucros e haveres. Assim: se alguém promete 2, 3, 4 ou 5% do que lucrar, deste lucro, por 100\$00, colocará 2\$00, 3\$00, 4\$00 ou 5\$00, e assim por diante. Se alguém está desempregado, ou precisa de alguma graça especial, prometa depositar no “Cofrezinho D. Bosco” uma certa porção do lucro, dar um auxílio para





as vocações salesianas e D. Bosco não deixará de atender aos que socorrerem seus filhos. Pedimos o vosso auxílio na proporção da vossa generosidade, das vossas possibilidades. Deus Nosso Senhor abençoa e premeia a quem dá de coração.

Quatro ocasiões por ano podereis abrir o Cofrezinho para enviardes os frutos dos vossos sacrificios em prol das vocações, ao Inspector Salesiano - Travessa dos Prazeres, 34, Lisboa - nas seguintes datas: 31 de Janeiro, dia da morte e festa litúrgica de D. Bosco; 24 de Maio, festa de N. S. Auxiliadora; 16 de Agosto, dia do nascimento do nosso Santo Pai e Fundador, e 8 de Dezembro, festa da Imaculada Conceição. [...] Fervorosas serão as preces dos nossos seminaristas em prol dos que com o "Cofrezinho D. Bosco" nos vieram ajudar». •



ARQUIVO

São João Bosco no "Diario Illustrado" de Lisboa de 1888

A morte de S. João Bosco, a 31 de janeiro de 1888, em Turim, foi naturalmente noticiada pelos jornais da época, não só de Itália mas também no estrangeiro, onde o sacerdote piemontês era conhecido. Em Portugal, o "Diario Illustrado" publicou a notícia a 3 de março.

A Portugal a notícia da morte de São João Bosco chegou nomeadamente através do "Diario Illustrado", jornal diário de quatro páginas publicado em Lisboa. Na edição de 3 de março de 1888 é publicada, ao centro da primeira página, uma gravura de Dom Bosco, e a primeira notícia no corpo do jornal é a da morte do Fundador dos Salesianos.

«MORREU ha poucos dias em Turim, com 73 annos de idade, o fundador das missões de S. Francisco de Salles, Dom Bosco, a quem chamavam o S. Vicente de Paula italiano.

O povo de Italia considerava-o um propheta e tinha por elle a maior veneração.

Dom Bosco, o humilde religioso d'aspecto simples e quasi vulgar, fundou, durante a sua vida, 150

estabelecimentos destinados a receber creanças pobres.

Morreu extenuado pelas fadigas da caridade, mas morreu feliz deixando para o futuro uma obra indestructível».

O "Diario Illustrado" foi publicado entre junho de 1872 e 7 de janeiro de 1911, de terça-feira a domingo. Teve a sua primeira sede na Rua da Atalaia, em Lisboa. O arquivo foi digitalizado pela Biblioteca Nacional e está disponível para consulta na Biblioteca Nacional Digital. •





A passagem do mar vermelho, de Jacques Courtois (1621-1676)

Moisés, o libertador



ORLANDO CAMACHO
ADMINISTRADOR PROVINCIAL

Moisés é o profeta que lidera a libertação dos hebreus, lidera a fuga em busca da terra prometida.

Predestinado ao nascer, Moisés começa por ser “salvo das águas”. Hebreu primeiramente acarinhado e depois, já adulto, perseguido pelo poder egípcio, torna-se o grande “confidente de Deus” e o mediador entre Ele e o povo. Por pura obe-

diência ao Deus dos patriarcas, é o profeta que lidera a libertação dos hebreus, o legislador que apresenta os dez mandamentos divinos, o garante da Torá que orienta a comunidade, o instituidor da páscoa como celebração perpétua da libertação.

Peregrino em demanda da terra prometida, não chega a entrar nela.

Muitas vezes, porém, o povo hebreu parece ter confiado mais nos poderes dos ídolos que na Palavra de Deus, a ponto de o Senhor ameaçar

castigá-lo sem retorno. É nestas circunstâncias difíceis que Moisés se torna a ponte entre Deus e o povo, a ligação e o suporte por onde tudo passa. A lógica monoteísta de Moisés contrasta com o politeísmo de alguns hebreus. É num processo lento e penoso que o povo se sente escolhido e protegido por Deus, a cuja aliança jura fidelidade.

Esta Aliança selada no Sinai, porém, é iniciativa de Deus e não do povo. A tentação de instrumentalizar um deus à medida não é exclusiva do povo de Israel. Todos nós, em certas circunstâncias da vida, queremos um deus que castigue os adversários, satisfaça os nossos caprichos, abra as águas para passarmos e volte a fechá-las para engolir os perseguidores.

As tábuas da Lei, religiosamente guardadas e defendidas, vão marcar a história da humanidade. Estas normas de boa conduta, simples e muito diretas, são o núcleo da Lei, criam unidade e cimentam a paz entre o povo. Os dez mandamentos, apresentados como lei divina, são, no fundo, expressão da “lei natural” inscrita no coração de cada homem.

Os quarenta anos de vida no deserto representam o êxodo mais significativo da história. Além de momento histórico, o êxodo, como mais tarde o exílio, torna-se também símbolo. Na verdade, para todos os homens a fuga da escravatura e a busca da terra prometida acontecem com “suor e lágrimas”, entre esperança e desânimo, com muita fé e alguma idolatria. A figura de um Deus único, universal, que a todos ama como filhos prediletos, é fruto de um desvendamento progressivo que, passando pelos profetas, culmina em Jesus, o “novo Moisés”, cuja revelação plena vai mudar para sempre o rumo da História.

Quase três mil e quinhentos anos depois, o mar mediterrâneo engole diariamente outros povos que procuram liberdade e espaço onde possam viver em paz. Mais que uma terra onde corra leite e mel, querem acima de tudo um lugar de segurança. Desta vez, porém, mais do que águas a abrir-se e a reativar



Como é possível impossibilitar a liberdade a quem procura a paz?
Como é possível assistir passivamente a esta tragédia aqui mesmo às portas da Europa - desta Europa que beneficia da tradição e da cultura humanista cristã, que sabe pela fé que a terra não tem dono e que o mar não deve ser um sepulcro para enterrar a liberdade?



a esperança, temos corações que se fecham impossibilitando a vida.

Como é possível impossibilitar a liberdade a quem procura a paz? Como é possível assistir passivamente a esta tragédia aqui mesmo às portas da Europa - desta Europa que beneficia da tradição e da cultura humanista cristã, que sabe pela fé que a terra não tem dono e que o mar não deve ser um sepulcro para enterrar a liberdade? Também neste caso prevalece a idolatria do bezerro de ouro, em detrimento de uma liderança que faça incidir todos os esforços na defesa dos desprotegidos, filhos de Deus como nós. Não são os meios que faltam; faltam ética e vontade política. Decidimos num fim de semana uma medida de resolução para segurar os capitais de um banco, mas demoramos meses a atirar uma boia de salvação a quem não tem terra firme.

Recentemente, por razões de segurança, os britânicos repatriaram em três dias três mil concidadãos. Como é possível não ouvir os gritos de tanto medo, o silêncio de tanto desespero, a amargura de tanta insensibilidade? Dezanove cimeiras

européias não foram suficientes para estender uma mão firme a quem busca uma tábua de salvação. A reevangelização da Europa é cada vez mais uma necessidade urgente; a recuperação dos valores humanistas e cristãos, fundadores da Europa, é a prioridade das prioridades.

Falta um Moisés que construa pontes e exija a quem é livre o respeito pela liberdade dos que a não têm, que reclame o direito à dignidade de todos, que por todos os meios promova a fraternidade e a justa igualdade. Seria muito mau que devesse ser conquistado com violência o que por direito pertence a quem procura a paz. Não é possível manter por muito tempo uma paz baseada em injustiças sociais. Só a justiça pode levar à paz, só a paz possibilita a liberdade e só em liberdade podemos ser irmãos. •

Nós, entre o poliedro e a ampulheta: iguais e diferentes. E Deus.



ANTÓNIO BAGÃO
FÉLIX
PROFESSOR
CATEDRÁTICO
E CONSELHEIRO
DE ESTADO
ILUSTRAÇÃO:
NUNO QUARESMA

O tempo e a forma. O insondável mistério que é o tempo e a expressão infinita da forma.

Lembrei-me de falar deste tema, a propósito do que o Papa Francisco, há alguns meses, disse para descrever, tão sugestivamente, a unidade antropológica e a diversidade da humanidade. Para tal, centrou-se na palavra **poliedro**, forma geométrica múltipla que, não eliminando as diferenças, respeita a pluralidade. O Papa definiu o poliedro humano como “a união de todas as parcialidades, que, na unidade, mantém a originalidade das parcialidades individuais”. Isto, ao invés da forma esférica da Terra que não tem facetas e é uniforme.

Disse, ainda, Francisco: *“Agrada-me imaginar a humanidade como um poliedro, no qual as múltiplas formas, ao se expressarem, constituem os elementos que compõem, na pluralidade, a única família humana. A verdadeira globalização é isso! A outra globalização, a da esfera, é uma homogeneização!”*

Do poliedro, passo à **ampulheta**, que é um dos objetos mais perfei-

tos no casamento entre a suavidade e delicadeza da forma e o percurso cadenciado do tempo.

O relógio de areia ou ampulheta, que se seguiu ao relógio de água, a clepsidra, é a combinação de dois infinitos contidos finitamente entre duas partes de vidro separadas por uma estreita portagem. O infinito do tempo e o infinito do espaço, ali convertido em grãos finos de areia, finitos mas incontáveis.

Gosto da forma tradicional da ampulheta. Simétrica, transparente, equilibrada. Aprecio o seu som, no seu modo de medir o tempo. Quase silencioso, mas audível no silêncio de tudo o resto. Vibro com a precisão física de nos dar o tempo.

A ampulheta não tem ponteiros, mas permite a comparação entre o que já é passado e o que ainda é futuro, no instantâneo presente do seu gargalo, por onde se escoia o fino mineral.

A ampulheta trabalha quando queremos, e descansa quando a deixamos. Ao contrário do relógio, somos nós que lhe concedemos tempo para nos dar o tempo.

A ampulheta tem a ordem ordenada da natureza e não a desordem ordenada da tecnologia. Da mais simples ordem que há: forma, movimento, cor.

Gosto de lhe sentir o seu frágil coração, dentro do meu coração.

Num livro de contos que escrevi, há anos, construí um deles sob a aparente forma de ampulheta. Por isso deve ser lido desde a última linha de baixo (o mais passado) até à primeira linha de cima (o mais futuro). Entre as âmbolas, passa a areia do presente com uma só palavra: o artigo definido “o” (ser). Desde a dádiva uterina à Esperança no tempo que já não é este nosso tempo. Em suma, a Vida e a Fé. O alfa e o ómega. Deus sempre.



O reencontro. O que está fora do tempo. Do tempo que já não há no tempo que foi.
O estar mais perto d'Ele. A dúvida com a certeza. A sombra. E a luz. E o ainda.
O continuar depois. O desprendimento, por vezes. Ainda a luta, sem vezes.
O só, ainda. O com os outros, a pesar. O só, aqui. O dos outros, apesar.
O sossego fora do ruído. A passagem. A margem. O rio. A neblina.
O pudor. A sabedoria. A prudência. O itinerário. A temperança.
O jardim despido. O Outono com Primavera. A renúncia.
O ver do olhar. A busca lá. O amarelo já. A raiva cá.
A distância. O tempo dela. Da chuva. O ontem.
O ainda meu. O sonhar ainda. O bastante.
O definitivo e o absurdo no contrário.
O cansaço. A força. A natureza.
O espírito. O nome. A rosa.
O sentir. O desejar. Eu.
O alegre no triste.
O amar para.
A fé por.
Ser.
O
Ser.
A fé por.
O para amar.
O triste no alegre.
O querer. O andar. Eu.
O sabre. A fortaleza. A areia.
O sempre mais. A esperança cá.
O que mudou. O que vai ser mudado.
O sangue. A essência. A eternidade agora.
O caminhar. A pressa. A vontade. A Primavera.
O efêmero. O já decisivo. O ruído antes do silêncio.
O sonho do sonho. O breve. O não ter fim. O quase ter.
O caleidoscópio. O viver entre. O viver por entre. O amanhã.
O medo. O risco. O medo. O exame. O medo. O qualquer coisa ali.
O segredo e o gosto. O anjo da guarda. O Sol e o céu. O azul. O descobrir.
O tempo do tempo. A palavra. O significado. As dimensões. O lar. Os afetos.
O princípio do Mistério. O mistério do princípio. O silêncio da luz. A luz pela Mãe. •



© Alexandra
Gomes

Adolescência, pais e filhos...



BRUNO FERRERO
DIRETOR DO
BOLETIM
SALESIANO
ITALIANO

A adolescência é um período de crises para os pais, mais do que para os filhos. Começa quando os filhos mostram aos pais que já não precisam deles: «É assunto meu!», dizem com arrogância.

Os adolescentes, quais jovens filósofos, sentenciam: «A questão é se eu ainda preciso que os meus pais interfiram neste género de

coisas». Quando os filhos falam assim, não tocam as trombetas da revolução, simplesmente recordam aos pais que, no fim de contas,

chegou a altura de se retirarem da linha de comando e dar início a uma nova fase da vida juntos. Quanto mais tempo os pais levam a

compreender isto, mais os filhos levantam a voz. A educação não é um esquema fixo, mas algo que cresce e se desenvolve, amadurecendo. Na adolescência mudam os filhos. Devem mudar também os pais. Estes sabem que os filhos ainda precisam muito deles, mas de maneira diferente. Sentem com mágoa que perderam algumas coisas importantes como a proximidade porque, de repente, os filhos preferem passar o tempo com os amigos ou fechar-se no quarto a ouvir música; o poder e o controlo, físico e emocional; a confiança, porque agora os jovens confiam nos amigos e nos seus primeiros amores. Para muitos pais constitui um choque doloroso, para outros uma nuvem de tristeza, para outros uma sensação de alívio. Mas todos têm de reconhecer o que perderam, antes de poder mudar a sua posição: passar da linha de comando a um discreto mas sempre decisivo acompanhamento na vida dos filhos. É o momento de gozar o resultado do duro trabalho dos anos passados. Goste-se ou não, a adolescência é uma consequência da educação precedente. Agora é tarde...

É durante os primeiros anos de vida que os filhos recebem dos pais os instrumentos fundamentais. O contributo dos pais na vida dos filhos é sempre importante mas, na adolescência, a fonte de inspiração principal são os colegas, outros adultos, e a sua vida interior. Se os pais insistem em querer “comandar” os filhos adolescentes, transmitem uma mensagem que nenhum deles quer ouvir: *«Eu sei do que tu precisas!»* Isto enfurece os jovens, que estão totalmente empenhados em descobrir quem são verdadeiramente e, segundo eles, a pretensão que pais têm de saber as respostas é provocatória e sem sentido. Muitas outras mensagens significam *«Não gosto de ti como és!»* É insuportável para um adolescente ouvir uma frase destas. Em primeiro lugar, estes jovens ainda não sabem quem são e, depois, não se sentem seguros de si. Para alimentar os conflitos não conta tanto o que dizemos, mas como o dizemos. Para falar aos adolescentes desenvolvemos, ao longo das gerações, uma linguagem que

é muito diferente da que usamos com os adultos. O tom comunica superioridade, condescendência e conivência. Na melhor das hipóteses, é amigável e envolvente; na pior, crítico e ofensivo. Como se dissesse: *«Ainda não és igual a mim»*. Os pais devem mostrar disponibilidade em relação aos filhos adolescentes, sem por isso pretender ser condescendentes.

Eis o género de comentários que uma mãe poderia fazer numa situação “delicada”: *«Poderia dar a minha opinião sobre isso. Queres saber qual é?»*, *«Este é um assunto em que julgo dever intervir. Queres saber o meu ponto de vista?»*, *«Estou preocupada com o que está a acontecer-te, e queria falar-te disso. Podemos fazê-lo agora?»*.

Estes comentários são expressão de respeito pela autonomia de outra pessoa. Os pais deveriam fazer uma pausa de dez segundos depois destas afirmações, para ver se são entendidas como intromissão ou como convite a falar. Expressando-se deste modo, o jovem e os pais podem redescobrir a vulnerabilidade e os limites de cada um, e restabelecer o respeito de um pelo outro, uma qualidade que muitas vezes falta ao fim de anos de vida juntos.

A única coisa verdadeiramente proibida aos pais é alhear-se. Um estilo educativo baseado exclusivamente no controlo está votado ao fracasso face às exigências de autonomia, típica desta idade, e gera

com frequência um aumento dos comportamentos transgressivos. Naturalmente corre-se o risco oposto: o de cair num alheamento educativo, defraudando as expectativas mais profundas do mesmo adolescente que exige também uma resposta firme, que lhe dê segurança de que alguém continua a “aguentar” por ele. Como sugere um verso de Ungaretti, o adolescente está «suspenso no vazio / pelo seu fio frágil. Será um fio frágil, mas é tudo o que tem.

O adolescente anda em busca de experiências e de campo para crescer, para entrar na vida adulta. Muitos comportamentos de risco entram nesta lógica. Não é pura transgressão, mas vontade de se confrontar, de ver “o efeito que dá”, cedendo à força de atração do risco de se pôr à prova.

Os adolescentes pretendem explorar o mundo sabendo que podem encontrar, se quiserem, adultos dispostos a escutá-los e a apoiá-los. A escuta, a presença, a disponibilidade, a empatia, são elementos que servem para acompanhar o percurso dos adolescentes. Os pais devem ser decididos. São eles os comandantes do navio. Se este chega a bom-porto, sem revoltas, tal depende da responsabilidade com que usam o poder e de quanto estão dispostos a mudar de velocidade ou de rota segundo a natureza do vento e da tripulação. •

“

Os pais devem ser decididos.
São eles os comandantes do navio.
Se este chega a bom-porto, sem revoltas,
tal depende da responsabilidade com
que usam o poder.

”

O padre Zanardini de visita a uma escola Maká



PADRE GIUSEPPE ZANARDINI

“Fiz-me salesiano por meio do Boletim Salesiano”

Giuseppe Zanardini, sacerdote salesiano, engenheiro e antropólogo, é missionário no Paraguai desde 1978. Dirigiu uma escola técnica salesiana e construiu aldeamentos populares. Desde 1985, acompanha a questão indígena. Viveu primeiro numa comunidade Ayoreo no Chaco e depois no Centro de Estudos Antropológicos da Universidade Católica de Assunção. Já recebeu muitas distinções nacionais e internacionais pelo seu trabalho, entre elas o prêmio “Coração Amigo” em 2009 da associação com o mesmo nome, fundada em 1980 com a missão de apoiar os missionários.

O. PORIMECOI/ BOLETIM SALESIANO
ITÁLIA

“Fiz-me salesiano por meio do Boletim Salesiano”, afirma numa entrevista ao BS de Itália. “Nunca estive em Escolas nem em Paróquias salesianas. Cresci em ambientes paroquiais com padres diocesanos, mas desde pequeno chegava a casa

o BS e via as notícias: recordo muitos trabalhos sobre as viagens do padre Ziggiotti na América entre os índios. E estes povos entusiasmavam-me e suscitavam em mim o desejo de os conhecer de perto, de ser salesiano e de trabalhar com eles”.

Define-se como uma pessoa com muitos interesses. “Gosto das diversidades culturais dos povos, gosto da natureza em todas as suas manifestações, gosto de transcender tudo o que é material para chegar ao espírito profundo das pessoas e do cosmo”.

Natural de Brescia, foi através dos Salesianos daquela cidade italiana, que decidiu a sua vocação. “Um dia falei com o diretor Pe. Sangalli, que me deu as Constituições Salesianas. Disse-me que as lesse e, se me agradassem, que tomasse decisões”.

Depois da ordenação sacerdotal, deu aulas em Bolonha durante três anos. “Foi ali que comecei a amadurecer a ideia da América Latina para compreender os problemas da pobreza, dos índios e para tentar

inserir-me no grande processo de libertação integral dos povos oprimidos”. Em 1978 partiu para o Paraguai. Trabalhou na formação profissional de jovens trabalhadores nos cursos noturnos, na construção de casas populares para os sem-abrigo mediante o sistema da autoconstrução com ajuda recíproca e, finalmente, com os povos indígenas. “Fui viver com os indígenas da selva do Chaco, que é a parte ocidental do Paraguai a oeste do grande rio Paraguai que atravessa todo o país, de norte a sul, dividindo-o em duas partes bastante diversas geológica e culturalmente. Na floresta vivi com os indígenas e como os indígenas por necessidade de me sentir pobre, simples, humilde e disposto a compartilhar a sua vida com as angústias, esperanças, frustrações e projetos”. “Há no Paraguai 20 povos ou etnias, com 20 línguas e culturas diferentes, espalhados por todo o país em mais de 500 povoações. Um imenso património cultural que enriquece grandemente a sociedade paraguaia”. •

VISITA CANÓNICA

Ir. Paula Battagliola visita Província

Durante dois meses e meio, a Ir. Paula Battagliola realizou a Visita Canónica às treze comunidades em Portugal. Irmã entre irmãs, refletiu sobre prioridades e desafios que se colocam à Província de Nossa Senhora de Fátima.

MARIA FERNANDA PASSOS/FMA

O CGXXIII escolheu-a como Visitadora. À pergunta da Madre Geral se aceitava tal responsabilidade, respondeu: “Colocando a minha confiança no Senhor, em Maria Auxiliadora e nas capitulares, que confiaram nesta pequena missionária, digo o meu sim”.

Nascida a 25 de setembro de 1952, em Manerbio-Brescia (Itália), a Ir.

Paula entra no Instituto impulsionada por grande desejo de gastar a vida ao serviço dos outros e acalentando forte ideal missionário. Emite os votos em Nizza Monferrato em 1974 e cedo assume responsabilidades de animação, particularmente Formação Vocacional e Ensino. Em 1988, centenário da morte de Dom Bosco, após período de formação missionária, em Roma, parte para Timor Leste para colaborar na promoção dos mais pobres e iniciar a primeira



Durante a sua visita, a Ir. Paula Battagliola visitou as comunidades e conviveu com as FMA, crianças e Família Salesiana das diversas obras



missão das FMA. Não se furta ao sacrifício, o cansaço não a vence, nem a amedrontam os tempos duros da guerra, a extrema pobreza reinante, nem dificuldades de todo o género. A força que a move assenta na fé robusta e no amor sem medida por aquele povo.

Após 35 anos de entrega generosa, pôde colher frutos e ver consolidada a presença FMA em terras do Oriente. O prémio missionário “Coração Amigo”, que lhe foi atribuído em 2013, é prova e expressão do reconhecimento pelo “testemunho fiel ao evangelho, dedicação pelos mais pobres, partilha da pobreza e trabalho realizado em prol da promoção e autonomia no respeito pela cultura e tradição”.

A presença da Ir. Paula na Província Portuguesa das Filhas de Maria Auxiliadora foi tempo de graça, oportunidade de escuta, diálogo e confronto, vínculo de união com o Centro e experiência significativa de animação do Instituto, realizada com simplicidade, espírito de família, e coordenação para a comunhão.

O Senhor te abençoe, querida Ir. Paula. Faça brilhar sobre ti o seu rosto de luz! •

Pe. Fábio Attard falou aos responsáveis e colaboradores das áreas da pastoral, social e educativa



FORMAÇÃO

Pe. Fábio Attard em Portugal

A Congregação Salesiana tem como missão a educação e a evangelização numa unidade indissolúvel. A pastoral não é para nós algo de acessório mas essencial para definir a nossa identidade: ser sinais e portadores do amor de Deus aos jovens. Uma missão jamais terminada e que, por isso, exige constante reflexão, renovação, atenção aos sinais dos tempos, criatividade e audácia.

Passado que foi um ano da publicação da nova edição - a terceira - do Quadro de Referência da Pastoral Juvenil Salesiana, a Província Portuguesa contou com a presença do Pe. Fábio Attard, Conselheiro Mundial para a Pastoral Juvenil Salesiana que, entre os dias 22 e 27 de novembro, em diversos encontros, apresentou algumas das principais perspectivas presentes e subjacentes à nova edição do Quadro de Referência.

Ainda que os conteúdos tenham sido diferenciados em atenção os destinatários de cada um dos encontros (diretores, coordenadores de pastoral, jovens...), o Pe. Fábio Attard centrou as suas intervenções apresentando o Quadro de Referência no caminho de renovação da Igreja e da Congregação, a sua articulação interna e alguns dos seus capítulos, com especial incidência no capítulo primeiro - habitar a vida e a cultura dos jovens de hoje -, no capítulo quarto dedicado ao Sistema Preventivo e no capítulo quinto sobre a Comunidade Educativo-Pastoral.

A apurada formação académica, aliada a uma experiência diversificada na missão salesiana e a um conhecimento mundial da Congregação e dos jovens,

fez das diversas intervenções do Pe. Fábio Attard uma partilha sábia e profunda, vasta nas referências e próxima nos significados, articulada nos conteúdos e visível na realidade pastoral de cada um.

No final de cada encontro, foram muitos os desafios que cada participante pôde levar consigo para potenciar ainda mais o trabalho pastoral que a todos ocupa como missão. Desafios como: dedicar tempo ao estudo, à reflexão e ao discernimento, principalmente comunitários; a importância de partir da realidade concreta de cada presença local e dos jovens para perceber as possibilidades, oportunidades e desafios pastorais; a importância da fazer da proposta pastoral uma proposta comunitária caracterizada pela convergência pastoral ao nível das intenções, convicções, programação e realização; o interesse de conhecer profundamente Dom Bosco enquanto paradigma da nossa ação pastoral; o trabalhar por uma proposta de educação integral capaz de abrir à transcendência e ao futuro; o dever de viver e transmitir às gerações futuras o Sistema Preventivo que recebemos como herança; a construção de uma pastoral orgânica e sistemática; a necessidade de uma pastoral familiar que envolva as famílias como sujeitos.

Fica-nos por isso, agora, o desafio de dar continuidade ao estudo do Quadro de Referência procurando fazer cada vez mais da nossa proposta pastoral uma resposta aos desafios de cada jovem e de cada ambiente, como fez Dom Bosco no seu tempo. • PE. JOÃO CHAVES

ENCONTROS NO ESTORIL E NO PORTO

Com os jovens

No programa da visita do Pe. Fábio Attard foram incluídos dois momentos com os jovens das casas salesianas: no dia 24 de novembro, no Estoril; e no dia seguinte no Porto.

Ao final do dia 24, um grupo de jovens juntou-se na capela dos Salesianos do Estoril para celebrar a Eucaristia animada musicalmente pelos jovens da casa. Na homilia, o Pe. Fábio recordou-nos a esperança própria deste tempo de Advento que vivemos e também a necessidade de ler os acontecimentos da vida à luz da fé. Seguiu-se um jantar partilhado onde reinou o convívio e a boa disposição entre todos. No momento final da noite, após recordarmos o hino do encontro “SYM Dom Bosco 2015”, houve uma pequena apresentação de cada casa, dos seus jovens e da sua pastoral juvenil. De seguida, o responsável mundial pela Pastoral Juvenil Salesiana lembrou-nos que a história não se faz com a maioria, mas antes com aquela minoria juvenil que se interessa e que agarra as oportunidades.

No dia seguinte, dia de Mãe Margarida, o Pe. Fábio Attard encontrou-se com os jovens da zona norte, nos Salesianos do Porto. Por ser a meio da semana, a agenda obrigou a alguma flexibilidade para reunir cerca de 50 jovens das obras de Mirandela, Poiares, Porto e ainda da casa das Filhas de Maria Auxiliadora de Arcozelo, celebrando juntos a Eucaristia e fazendo especial memória da venerável Mãe de Dom Bosco. Depois do jantar, o Conselheiro para a Pastoral Juvenil deu a boa-noite. Além de nos permitir vislumbrar a dimensão da obra salesiana por todo o mundo, não deixou de insistir na disponibilidade



No Estoril e no Porto, na fotografia em baixo, o Pe. Fábio Attard foi acolhido por vários jovens das obras vizinhas



e abertura de coração para o que Deus quer de nós, para a nossa vocação. Das palavras que nos deixou, fica um desafio importante para cada um de nós que se “movimenta” nestes ambientes salesianos: de alguma forma, a história de Dom Bosco cruzou-se com a nossa a um dado momento... como é que vamos responder a isso? • JOÃO FIALHO E SÍLVIO MONTEIRO

BARCELONA

Eleito Conselho Europeu do MJS

A XI Assembleia Europeia do Movimento Juvenil Salesiano, reunida em Barcelona no final de novembro, elegeu para o triénio 2015-2018 o novo Conselho constituído por Anne-Florence Prrs, Blazka Merkač e Carina Baumgartner. Entre os 50 participantes estiveram três portugueses: João Gonçalves e Catarina Barreto, do Conselho Nacional do MJS, e o Delegado Nacional da Pastoral, Pe. João Chaves. O local do encontro foi a casa Martí Codolar, lugar salesiano tão importante onde foi tirada uma das mais famosas fotografias de Dom Bosco. Este ano, em conclusão do triénio de reflexão sobre a Espiritualidade Juvenil Salesiana, o tema proposto pelo Pe. Koldo Gutiérrez, Diretor do Centro Nacional Salesiano de Pastoral Juvenil de Espanha, foi “A Alegria e a Esperança Salesianas”. Centrando a reflexão na Palavra de Deus, o Pe. Koldo levou os participantes à descoberta da alegria e esperança verdadeiras, aquelas que emanam de Cristo ressuscitado. O sábado foi também tempo de



informações e decisões sobre a Jornada Mundial da Juventude de 2016, em Cracóvia, a divulgar oportunamente, e sobre o Confronto Europeu de 2017. O fim de semana foi ainda um tempo privilegiado de oração, em especial pela Paz no Mundo, de adoração e de são convívio. • CATARINA BARRETO

CADAVAL

Pe. Benedito Nunes homenageado no centenário do seu nascimento



No dia 31 de outubro, teve lugar uma homenagem ao salesiano Pe. Benedito Bernardino Nunes, no Vilar do Cadaval, sua terra natal, por ocasião do centenário do seu nascimento. Reuniu uma centena de familiares e gente da sua terra, com a presença de vários salesianos e seus antigos alunos.

Na igreja paroquial de Nossa Senhora da Expetação do Vilar, foi celebrada missa solene presidida pelo padre Simão Cruz, vice-pro-

vincial dos Salesianos, tendo como concelebrantes o padre Aníbal Pinto, pároco, e os padres salesianos Basílio Gonçalves e Abílio Nunes. À homília, o presidente da Eucaristia recordou os traços que mais o impressionaram nos anos em que viveu e conviveu com o Pe. Benedito: o amigo da sua terra natal, o serviço humilde e alegre à sua missão sacerdotal e salesiana, o homem de Deus, o amor à Igreja e à sua doutrina indefetível. Seguiu-se uma romagem ao cemitério. Na organização deste dia esteve o sobrinho Luís Filipe Rodrigues com outros familiares. No decorrer do convívio foi apresentada a monografia «Padre Benedito, o Rosto de um Salesiano» da autoria de Luís Filipe Rodrigues.

O Pe. Benedito Bernardino Nunes nasceu a 28 de outubro de 1915, no Vilar, concelho de Cadaval. Em 1928 entrou para o seminário salesiano de Poiães da Régua. Fez a primeira profissão religiosa a 16 de setembro de 1933. Ordenado sacerdote a 29 de junho de 1942, foi mestre de noviços, diretor em várias casas salesianas e provincial dos Salesianos de 1964 a 1969. Faleceu em Lisboa a 9 de abril de 1976. Os seus restos mortais repousam no cemitério do Vilar. • PE. SIMÃO CRUZ



ANTIGOS ALUNOS

Gêmeos rumo ao sacerdócio



De 8 a 15 de novembro a Igreja em Portugal celebrou a semana dos seminários. Os gêmeos Luís e Bernardo Trocado, de 26 anos, antigos alunos dos Salesianos do Estoril, frequentam o Seminário dos Olivais, em preparação para o sacerdócio. Bernardo foi ordenado diácono no dia 29 de novembro. • SEMANÁRIO ECCLESIA

SALESIANOS COOPERADORES

Novas promessas no Porto



O dia 8 de dezembro é sem dúvida uma data salesiana. No ano de 1841, D. Bosco começava, de forma simbólica, o seu projeto de oratório com o acolhimento do jovem Bartolomeu Garelli. Desde então, esse dia tem sido para o universo salesiano símbolo de novas etapas, de início de caminho, do afirmar de vocações... Em 2015 onze leigos do Centro dos Cooperadores do Porto assumiram a vocação de Salesiano

Cooperador. Depois de um caminho longo mas tranquilo de mais de três anos de formação contínua, o grupo de aspirantes fez a sua promessa na Eucaristia da Solenidade da Imaculada Conceição na Capela dos Salesianos do Porto. Com a presença da coordenadora provincial dos Salesianos Cooperadores, Maria José Barroso, o Pe. Joaquim Taveira, delegado local para a Família Salesiana, recebeu as promessas. Foi um momento bonito e emotivo, testemunhado pela comunidade que os acolheu e acolherá, e onde colocarão ao serviço os seus dons, de acordo com a sua própria condição. Depois da Eucaristia, seguiu-se o almoço com a comunidade salesiana e um momento formativo. • IDÁLIA ALMEIDA

ESPAÑA, ITÁLIA, MÉDIO ORIENTE E PORTUGAL

Lisboa acolheu a reunião da Região Mediterrânea

Decorreu em Lisboa, entre 28 de setembro e 2 de outubro, a Reunião da Região Mediterrânea, sob a presidência do Pe. Stefano Martoglio. Estiveram presentes os Provinciais de Espanha, Itália, Médio Oriente e Portugal, e também, em parte do tempo, os Conselheiros Gerais das Missões, da Comunicação Social e da Pastoral Juvenil; e ainda o Regional da Europa Centro-Norte. Aproveitando a deslocação para a reunião da Região Mediterrânea, no dia 29, reuniu a Conferência Ibérica. Depois de um trabalho prévio pedido pelo Regional, fez-se a revisão do primeiro ano de funcionamento da Conferência, do ritmo, dos conteúdos e dos temas específicos das Provín-



-cias de Espanha e de Portugal; houve a partilha das conclusões dos dois congressos sobre a educação, realizados em Madrid e no Estoril; refletiu-se sobre as casas de formação, a cola-

boração e a ação conjunta dos diversos setores e nos vários ambientes (Formação, Pastoral Juvenil, Família Salesiana, Economia, Comunicação Social, Publicações, etc.). • BS

ESTORIL

Abertura do Jubileu da Misericórdia da Família Salesiana



Na tarde do dia 8 de dezembro, nos Salesianos do Estoril, Festa da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria, os grupos da Costa do Sol da Família Salesiana viveram uma experiência única na abertura do Jubileu da Misericórdia. Chegámos todos maravilhados pela atitude contemplativa que nos tinha deixado o Papa Francisco, naquela manhã, ao abrir de par em par a Porta Santa da Basílica de S. Pedro.

O homem é o caminho da Igreja. Cristo é o caminho do homem. Rezar

é tocar no amor misericordioso de Jesus, o mais profundo contacto que o homem pode ter com a santidade de Deus.

Depois da conferência sobre a Bula do Jubileu, apresentada pelo Pe. J. Rocha Monteiro, tivemos o testemunho da Ana Martins, conselheira para a formação do conselho nacional dos Salesianos Cooperadores, falando-nos da experiência da adoração nos grupos de Manique e Bicesse. Foi lido um belo poema a Nossa Senhora, da autoria do Fernando Martins, Presidente do grupo ADMA do Monte Estoril. A tarde terminou com um momento de Adoração. A adoração é a primeira atitude do homem que se reconhece criatura, diz a Igreja no seu Catecismo (CEC 2628). A Família Salesiana e amigos de Dom Bosco, sentiram-se reunidos para saborear a doçura da bondade de Deus e da sua proximidade. • PE. JERÓNIMO ROCHA MONTEIRO

CAPÍTULO PROVINCIAL

Reunida comissão pré-capitular na Casa Dom Bosco



Na reunião de 19 de outubro, na Casa Dom Bosco, foi definida a modalidade dos trabalhos desta comissão e a estrutura do documento a enviar às comunidades para a reflexão sobre as questões que o Capítulo Provincial 2016 foi desafiado a trabalhar pelo Conselho Geral da Congregação Salesiana.

O Capítulo Provincial decorreu entre os dias 27 e 30 de dezembro, posteriormente à data de fecho desta edição. No próximo Boletim Salesiano noticiaremos as principais conclusões desta reunião. • BS



LIUBLIANA, ESLOVÉNIA

Inaugurado Santuário de S. João Bosco durante a visita do Reitor-Mor



Durante a visita de quatro dias à Província de “SS. Cirilo e Metódio” na Eslovénia, o Reitor-Mor, Pe. Ángel Fernández Artime, benzeu o primeiro Santuário dedicado a Dom Bosco em terras eslovenas, situado em Maribor, numa obra em que funciona também um oratório-centro juvenil.

No ato solene, no último dia da visita, a 15 de novembro, participaram, além de muitos fiéis, o arcebispo de Maribor, D. Alojzij Cvikl; o salesiano D. Stanislav Hocevar, arcebispo de Belgrado; D. Andrej Glavan, bispo de Novo Mesto; e o arcebispo emérito de Maribor, D. Franc Kramberger. Presentes também

todos os anteriores provinciais da Eslovénia, os superiores e representantes das vizinhas províncias da Croácia, Hungria e Áustria; e numerosas autoridades locais.

No decorrer da Missa, animada pelas vozes de 300 jovens de vários coros, o Reitor-Mor pediu a todos os presentes que procurassem construir nos seus corações um santuário belo como a nova Igreja de São João Bosco, de Maribor. Fez votos que o novo Santuário se torne local de oração, particularmente para os jovens, e um sinal de esperança para a cidade de Maribor e para toda a Igreja da Eslovénia. • ANS



CHENNAI, ÍNDIA

Salesianos: uma luz no fim do túnel

O pequeno Arvind era castigado pela tia todos os dias. Nasceu em Trichy, estado de Tamil Nadu, e já não tem pais. Não se lembra de mais nada. Partiu de comboio com destino a Andhra Pradesh, estado vizinho a mais de 850 km de distância. Mas ao chegar ficou demasiado confuso e quis voltar ao ponto de partida: entretanto em Tamil Nadu já não havia ninguém à espera dele...

Parece impossível, mas esta é a história de uma criança de nove anos. Como ele, muitos pequenos sobrevivem nas ruas de Chennai e de outras grandes cidades indianas. Nessas mesmas ruas, com frequência qualquer miúdo se depara com os “centros dos padres”. Na cidade todos os conhecem e gostam do seu trabalho.

Os Salesianos cuidam de três centros para pequenos da rua só em Chennai: dois masculinos e um feminino. O primeiro foi aberto em 1985. Há seis anos que o Pe. Johnson Bashyam é o diretor da Dom Bosco Ambu Illam. “Illam” quer dizer “casa” em língua



tamil, e “ambu” significa “amor”. Nesta obra, que comporta várias valências para além do acolhimento, as equipas de salesianos e colaboradores servem mais de mil pequenos e pequenas da rua. Rodeados por 13 bairros de lata, as equipas de rua vão sinalizando as crianças sós, em risco, exploradas. Nos centros dão-lhes aulas, cuidados de saúde, ocupações várias, aconselhamento e encaminhamento. • ANS



ROMA, ITÁLIA

Casa salesiana Sacro Cuore promove inserção de jovens imigrantes

Há vários anos que a casa salesiana do Sacro Cuore, na Via Marsala, Roma, se pintou de mil cores graças ao projeto missionário «Sacro Cuore. Uma experiência de Ressurreição para os Jovens do mundo». Trata-se de um conjunto de atividades dedicadas a jovens - italianos e imigrados - que frequentam a obra, situada ao lado da estação ferroviária de Termini, uma verdadeira concentração de várias culturas da capital italiana.

Em 2009, os Salesianos e as Missionárias de Cristo Ressuscitado começaram a refletir sobre como tornar a obra do Sacro Cuore um ponto de referência para tantos jovens, em especial para os mais pobres. Entre as várias pobreza juvenis, focaram-se nos jovens refugiados e pedintes que gravitam em torno da Estação Termini, desorientados, pressionados pela necessidade.

O projeto hoje abrange cerca de 170/180 jovens refugiados, na sua maioria entre os 20 e os 30 anos, cuja proveniência varia com o passar dos anos e a mudança dos fluxos migratórios. O primeiro problema é a socialização. "Favorecemos a criação de uma rede social para esses jovens que correm sérios perigos de guetização. O nosso objetivo é criar uma



casa que acolhe, onde possam sentir-se bem-vindos independentemente da sua proveniência, etnia ou religião; e onde possam conviver com jovens italianos" - explica o Pe. Emanuele De Maria. Com esse objetivo organizam excursões e passeios, pequenas festas, grupos de diálogo. Para ajudar à sua inserção na sociedade italiana, cerca de 40 jovens voluntários empenhados civicamente dão cursos de italiano, de alfabetização informática, dão apoio ao estudo, ajudam a preparar um *Curriculum Vitae* ou uma entrevista de emprego. • ANS



HANOI, VIETNAME

Governo vietnamita reconhece congregações religiosas

Pela primeira vez em 40 anos, as Congregações religiosas no Vietname podem funcionar oficialmente como organizações públicas. Quatro importantes congregações religiosas masculinas (Franciscanos, OFM; Dominicanos, OP; Jesuítas, SJ; e Salesianos, SDB) foram agora reconhecidas.

No certificado emitido é reconhecido aos Salesianos o direito de exercer "atividade religiosa, instrução profissional e atividades caritativas" com os objetivos de instrução de jovens e crianças, especialmente de crianças pobres e em estado de vulnerabilidade. Os Salesianos têm 18 obras no país, 151 sacerdotes, 42 coadjutores, 81 estudantes de filosofia e teologia, 20 noviços e um bispo.

No Vietname existem cerca de 16.500 consagrados religiosos (dos quais 13.500 mulheres), de 254 diferentes congregações (de direito diocesano e pontifício). Todos os anos entram nos noviciados entre 600-700 jovens. • ANS



TURIM, ITÁLIA

Associação de Maria Auxiliadora celebra Dia Mariano



A Associação de Maria Auxiliadora do Piemonte-Vale d'Aosta e Lombardia celebrou o 25.º Dia Mariano. Durante a Eucaristia, presidida pelo Pe. Franco Lotto, Reitor da Basilica de Maria Auxiliadora, 26 elementos pertencentes aos grupos ADMA de Arese, Ivrea, Comunidade Shalom e de Palazzolo sull'Oglio fizeram o seu compromisso passando a fazer parte da Associação. • ANS

Futuros

Um episódio exemplar.

Um pequeno grande exemplo

Recentemente foi-me relatado um pequeno episódio, como tantos, que aconteceu na vida do Francisco de 10 anos de idade.

Vivemos num mundo muito competitivo, em que desde pequenos a competitividade nos é inculcada, por acharmos que é sinal de ambição. Logo em miúdos, queremos ser os melhores da sala, ter as melhores notas, ser os melhores marcadores nos jogos de futebol, ser os mais populares, etc...

O Francisco não foge à regra e, sendo rapaz, dá muita importância à parte física e competitiva.

Na prova de corta-mato, arrancou da grelha de partida com a ambição legítima de se qualificar entre os primeiros do seu ano. Já a terminar a corrida, um colega ultrapassa-o e cai...

O Francisco, apesar do espírito de competição e de ter andado a falar do corta-mato desde o fim de semana anterior, parou para ajudar o colega e seguir com ele até à meta. Não se classificou entre os primeiros, como era seu desejo e, embora com alguma tristeza por não ter ganho, sentiu-se feliz por ter ajudado alguém que precisava. A felicidade e satisfação que experimentou suplantou qualquer outro sentimento e sensibilizou os que lidam de perto com ele.

Este relato fez-me pensar que tantas vezes no dia a dia estamos tão embrenhados nos nossos objetivos, que nem vemos ao nosso lado quem precisa de ajuda. E quando, no meio do stresse diário, da azáfama e da pressa com que levamos a nossa vida, nos apercebemos de alguém a quem devíamos dar a mão..., quantas paramos para ajudar?

O pequeno Francisco, de apenas 10 anos, parou e fez prevalecer os valores da solidariedade, da compaixão e da amizade. •

TIAGO
BETTENCOURT
ANTIGO ALUNO
ECONOMISTA



A Fechar

Projetar um ano novo.

Recomeços

Sentados no portal do ano novo, pensamos em nós na palma da mão de Deus, como se se tratasse de uma oferenda. Com o tempo à nossa frente. Com a vida à nossa espera. Com a porta aberta.

Ouvimos os passos do tempo, ainda lentos, e acreditamos que vai ser bom, que vamos ter saúde, que a paz vai descer sobre o mundo, que vamos reencontrar quem perdemos, que vamos ter trabalho, que a luz vai mostrar que, afinal, os nossos medos, não faziam sentido, que somos muito mais fortes do que parecemos ser, que a Misericórdia vai acordar as nações. Assim, de um fôlego só.

Como todos os anos, fazemos projetos. Mesmo sabendo que os dias podem alterar o rumo das coisas e que o sol ou a chuva podem definir outros caminhos. Fazemo-los com o coração cheio, porque o ano ainda é menino. A lista: reinventar o prazer de estar com quem amamos, de rir, de passear de mão dada, de cuidar; passar a limpo a nossa memória e reescrever apenas as coisas boas; adoçar o que nos fez chorar, reciclar as mágoas e permitir-nos o perdão.

A nossa esperança dá sentido à viagem que (re)começa, porque a vida que janeiro evoca reveste-se de novidades e de sonhos que o céu abençoa (porque o céu abençoa sempre os sonhos novos). E voltamos a acreditar que (ainda) podemos ser felizes. •

GRAÇA ALVES
PROFESSORA



O encontro com Deus é a própria alegria

«A busca de Deus é a busca da alegria.
O encontro com Deus é a própria
alegria.» SANTO AGOSTINHO

Dom Bosco precisa de continuadores para que a sua obra perdure no tempo, para o bem da juventude. Se conhece algum jovem que procure um ideal de vida segundo o projeto de Dom Bosco lance-lhe o desafio.

Quem sabe se esta aventura vai dar pleno sentido à sua vida?

Para saber mais contacte os responsáveis da pastoral dos Salesianos

de Dom Bosco e das Filhas de Maria Auxiliadora:

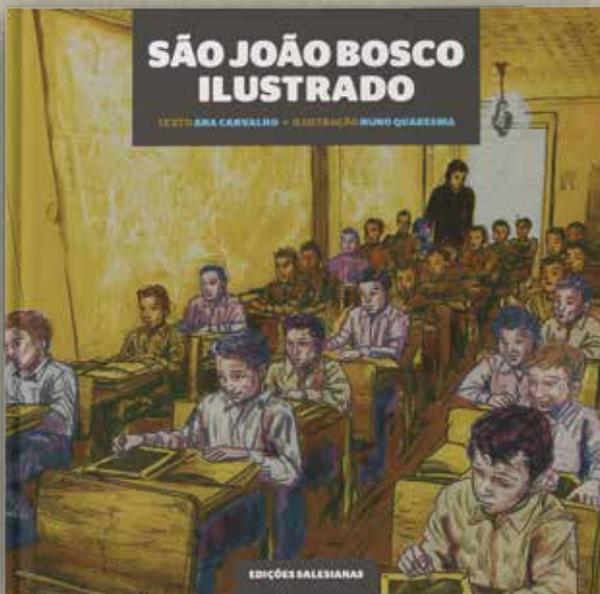
Pe. João Chaves, joao.chaves@salesianos.pt;

e Ir. Alzira Sousa, alzirasousa.fma@gmail.com.



EDIÇÃO COMEMORATIVA DO BICENTENÁRIO

SÃO JOÃO BOSCO ILUSTRADO



Numa iniciativa do Boletim Salesiano, publicada pelas Edições Salesianas, Ana de Jesus Carvalho escreve e Nuno Quaresma ilustra importantes episódios da vida do Santo Fundador dos Salesianos.

~~~~~  
**Brevemente disponível nas Escolas e Livrarias Salesianas**  
~~~~~

